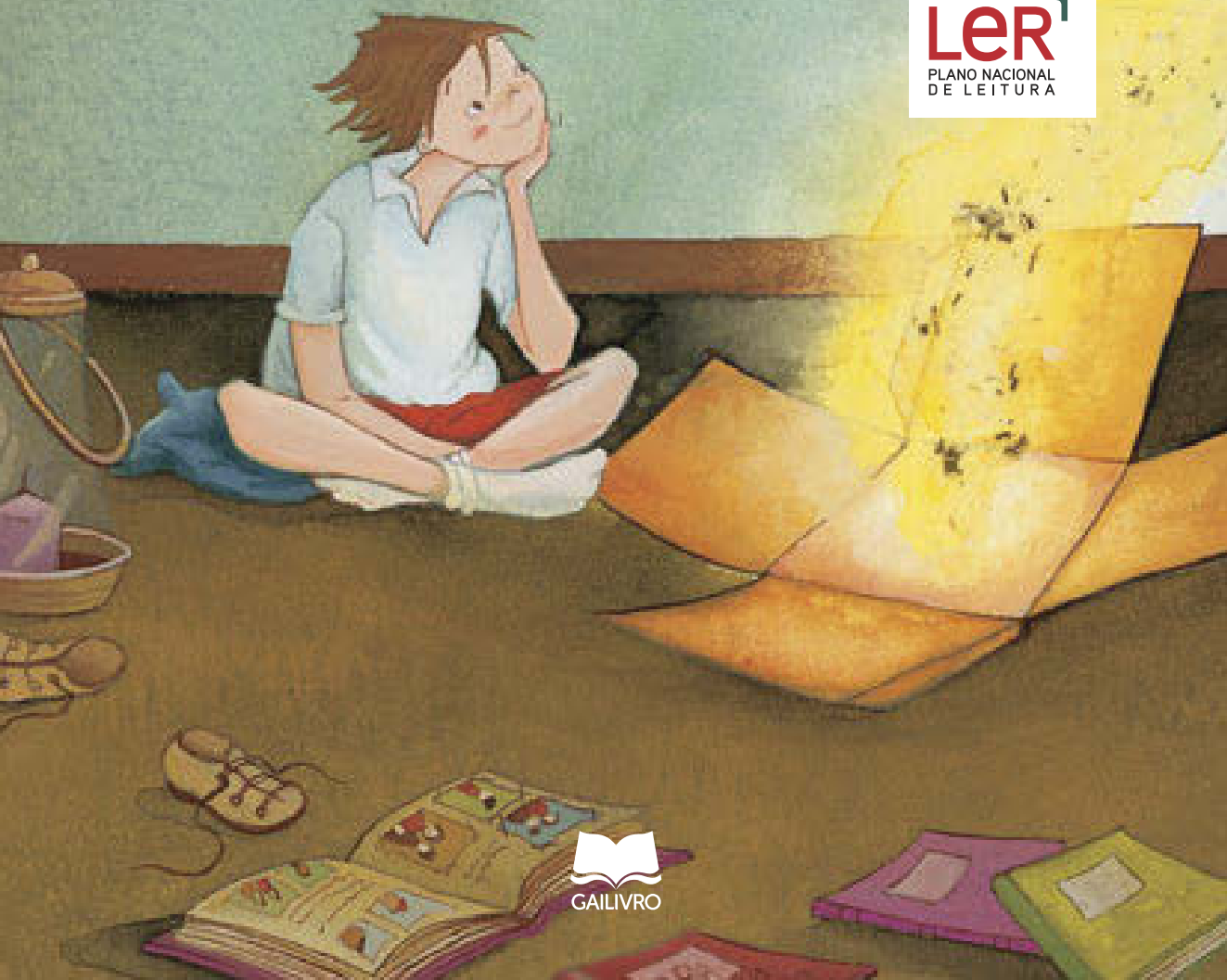


Rosário Alçada Araújo

Ilustrações de
Catarina França

A Caixa de Saudades



A CAIXA DE SAUDADES
Rosário Alçada Araújo

Ilustrações e design de Catarina França

© 2007, Gailivro, uma chancela do grupo LeYa.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Portugal
Tel.: + 351214272200
Fax.: + 351214272201
E-mail: gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.pt

ISBN 9789895579563

3.ª Edição, fevereiro de 2012

A Caixa de Saudades

Rosário Alçada Araújo

Ilustrações de
Catarina França



“Levanta-te e come, porque ainda tens um longo caminho a percorrer.”

Primeiro Livro dos Reis





I

Todos os anos, quando chegavam as férias, o Dinis mal podia esperar para ir visitar o avô Ernesto, que vivia longe, numa cidade pequena com cheirinhos de aldeia.

A casa do avô Ernesto era muito importante para todos os netos. Ao entrar nela, o Dinis sentia que estava a chegar a um palácio e pensava sempre que ali existiam coisas que ele nunca tinha visto noutro lado: móveis escuros que quase chegavam ao telhado, tetos tão altos que mais pareciam estar no céu, salas que não serviam para nada e umas longas escadas, onde tantas vezes ele e os primos brincavam, só pelo prazer de subir e descer dezenas de degraus



forrados com uma passadeira antiga, presa por varões dourados, que se aninhavam nas esquinas.

O avô Ernesto era ourives. Por isso, o Dinis não se admirava quando ouvia dizer que ele tinha um coração de ouro e até pensava se essa seria a razão por que gostava tanto da sua companhia. Era como se, da convivência com os metais preciosos, um brilho especial o acompanhasse a toda a hora.

A ourivesaria do avô Ernesto ficava no rés do chão da casa, e ao fim do dia, quando fechava, o Dinis e os primos gostavam de ir para aquela loja e pedir ao avô para ver e tocar em alguns objetos. Depois, imaginavam que eram mágicos ou que tinham descoberto um lugar encantado, onde cada objeto brilhava, como se tivesse vida e pudesse falar.

– Diga lá, avô! Foi um pirata que passou por aqui e lhe ofereceu um tesouro? – perguntava o Dinis. – Não, já sei, foi um rei que existiu há muitos anos que lhe deu a varinha com que transformava tudo em ouro!

O avô ria e pensava que a verdadeira magia era ter trabalhado tantos anos, desde muito novo, todos os dias, de sol a sol. Só assim fora possível criar tantos filhos. E enquanto fazia contas e mexia em papéis, o Dinis e os primos admiravam o pequeno mundo daquela loja que não era de brinquedos, mas que os deixava fascinados.



II

Na casa do avô Ernesto havia sempre sumo, chá, pão fofinho e bolachas de chocolate. E, melhor do que isso, o Dinis tinha todas essas coisas até se fartar, porque quem servia o lanche era a Ana das Panelas, que dizia sempre que os meninos se tornavam crianças mais doces se saboreassem tudo o que gostavam. E como era tempo de férias, os pais fechavam os olhos e faziam a vontade à velha senhora e às crianças.

A Ana das Panelas andava sempre de volta dos petiscos e sabia muitas histórias. Quando o Dinis a visitava na cozinha, os dois cantavam canções populares ao ritmo de colheres de pau a bater nas tampas dos tachos e das panelas, como se estivessem a dar um concerto.

Certo dia, depois de muito cantarem, a Ana das Panelas pôs-se, como de costume, a contar uma história, enquanto o Dinis a escutava, ao mesmo tempo que comia um pão-de-ló delicioso, acompanhado de chá de morango. Dizia ela que há muitos, muitos anos, mais de quarenta, lhe tinha acontecido uma peripécia:

– Estava eu na ourivesaria a limpar os ouros e as pratas, já a loja tinha fechado, quando encontrei um anão a dormir, deitado numa grande taça. Fiquei um pouco admirada, mas a verdade é que há sempre coisas por descobrir





neste mundo. Respirei fundo, toquei-lhe no ombro com o meu dedo mindinho e perguntei-lhe que fazia ele ali, na loja do avô Ernesto.

– Um anão? E não teve medo? – perguntou o Dinis, de olhos esbugalhados.

A Ana das Panelas riu:

– Ele cabia na palma da minha mão... Era o anão mais pequeno que alguém pudesse imaginar.

Mesmo assim, o Dinis achou que podia ter medo.

– E depois, que aconteceu?

– O anão estendeu os seus dois bracinhos para trás, abriu a boca, depois esfregou os olhos e pediu-me que o deixasse descansar, antes de iniciar o seu trabalho.

– E a Ana, que fez?

– Deixei-o dormir, coitadinho...

O Dinis ficou a pensar se devia acreditar na Ana das Panelas... Mas decidiu que sim. Gostava daquela amiga e não tinha razões para desconfiar dela; e, na verdade, a ourivesaria do avô sempre lhe cheirara um pouco a mistério, com tantos objetos antigos e valiosos, que pareciam ter corrido mundo antes de encontrarem abrigo naquela loja. Agradeceu a companhia, o pão-de-ló e o chá, e saiu da cozinha decidido a encontrar esse anão que um dia fora visto pela Ana das Panelas.